

# Beverley Skeggs: recusando-se a ser vencida pelo cansaço<sup>1</sup>

## *Beverley Skeggs: refusing to be worn out*

Entrevista com BEVERLEY SKEGGS<sup>a</sup>

Goldsmith University of London. Londres, Reino Unido

Por VENEZA M. RONSINI<sup>b</sup> e GUSTAVO DHEIN<sup>c</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria – RS, Brasil

**B**EVERLEY SKEGGS NASCEU em Middleborough, Inglaterra. Graduiu-se em York e obteve um diploma de pós-graduação em Educação e doutorado em Keele, e trabalhou profissionalmente na Crewe and Alsager College of Higher Education, na Worcester College of Higher Education (Sociologia) e nas universidades de York, Lancaster e Manchester. Desde 2004, Skeggs trabalha no Departamento de Sociologia na Goldsmiths University of London. Sua pesquisa relaciona-se às áreas de Estudos Feministas, Estudos Culturais e Sociologia. Skeggs diz que seu trabalho aborda o tema do valor e dos valores, e que a análise feita em seus trabalhos é baseada nas teorias feministas e pós-estruturalistas, especialmente nos trabalhos de Pierre Bourdieu e Karl Marx. Desde setembro de 2013, ela lidera o projeto de pesquisa “*A sociology of values and value*”, que está estudando a formação do valor e dos valores sob a lógica do capitalismo – mas também escapando a ela.

Suas publicações incluem *The Media* (1992), *Cultural feminist theory* (1995), *Formations of class and gender* (1997), *Class, self, culture* (2004), *Sexuality and the politics of violence and safety* (2004, em coautoria com Les Moran, Paul Tyrer e Karen Corteen) e *Feminism after Bourdieu* (2005, com Lisa Adkins), além de também ser editora da série de livros *Transformations: thinking through feminism*. O projeto de pesquisa “Class and self through televised ethical scenarios”, realizado com Helen Wood, deu origem aos livros *Reality TV and class* (2011) e *Reality television: audience, performance, value*

<sup>1</sup> Entrevista realizada em fevereiro de 2015, durante os estudos de pós-doutorado de Veneza M. Ronsini na Nottingham Trent University.

<sup>a</sup> Professora doutora do Departamento de Sociologia da Goldsmith University of London.

<sup>b</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e docente convidada da Nottingham Trent University sob o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) entre agosto de 2014 e fevereiro de 2015. – Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8669-3148>. E-mail: [venezar@gmail.com](mailto:venezar@gmail.com)

<sup>c</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM e pesquisador da Capes. – Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2252-824X>. E-mail: [gustavodhein@gmail.com](mailto:gustavodhein@gmail.com)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p85-98>

(2012). Skeggs é professora honorária de sociologia na Warwick University e doutora honorária das universidades de Aalborg (Dinamarca), Stockholm (Suécia) e Teesside (localizada em sua cidade natal). Em 2003, ela foi eleita para a Academy for Social Sciences (Reino Unido).

**MATRIZES:** Você é uma das mais proeminentes sociólogas feministas e marxistas da atualidade. Como se sente alcançando essa condição num mundo dominado pela ideologia neoliberal e pela perspectiva masculina?

**Beverley Skeggs:** Em primeiro lugar, não creio ser a mais proeminente em nada, mas tive algum poder nas instituições. Porém, é sempre uma luta, porque houve uma resistência real ao estudo de classe, especialmente no final da década de 1980, quando conclui meu doutorado. Assim, em meu primeiro livro sobre classe, a editora não queria que a palavra “classe” estivesse no título. Isso tem sido sempre muito difícil. E acredito que continuei lutando. Mas lutei em diferentes espaços. Na sociologia, por exemplo, para manter o gênero e a classe na agenda. Então... Não sei. Trata-se de ser determinada, insistir no que se acredita e não ser limitada. Quando as pessoas diziam, “você deveria estudar o pós-modernismo”, eu o estudei, tornei-me uma crítica dele e não o aceitei. Então, as pessoas disseram que eu deveria estudar o consumo. Novamente, eu disse, “tudo bem, irei estudá-lo, mas para desconstruí-lo, irei criticá-lo”. É bastante divertido. Continuo pensando em não estudar mais a classe, mas então faço um projeto sobre o Facebook e o que descubro é essa quantidade fenomenal de divisão entre as pessoas a quem o Facebook vende propagandas e aquelas que são consideradas perda de tempo. Assim, até quando penso estar estudando uma força técnica, o que encontro é que tudo é sobre classe. Por isso, continuo retornando a isso, inadvertidamente.

**MATRIZES:** Você tem razões pessoais para fazer isso? Para manter a classe em sua agenda?

**Skeggs:** Sim, é claro. Eu vejo injustiça em todo o lugar. Em toda parte. É muito difícil para mim. Não posso ignorar isso. Creio que algumas pessoas podem ignorar, mas eu não posso. Simplesmente não posso.

**MATRIZES:** Vivemos num mundo em que a informação/comunicação está configurada como um ambiente que estrutura as práticas econômicas, sociais, culturais e políticas em uma sociedade globalizada. Quais precauções a pesquisa científica deve tomar para evitar o determinismo tecnológico?

**Skeggs:** Creio apenas que temos uma responsabilidade de entender o *quadro potencial*. Precisamos entender todas as condições que nos envolvem, não apenas as partes. Temos que entender como elas se conectam e como elas

funcionam, de modo a não reproduzir o determinismo tecnológico e uma espécie de imaginação neoliberal.

**MATRIZES:** Algumas pessoas acreditam, especialmente nos estudos em Comunicação, que a mídia está controlando a sociedade e que sua informação está por trás de toda a prática. Mas creio que é perigoso pensar desse modo. Porque não podemos esquecer a família, a igreja...

**Skeggs:** Quando pensamos sobre a mídia e todas as outras infraestruturas técnicas, como as infraestruturas digitais, não devemos esquecer que elas existem para gerar lucro. Assim, precisamos pensar em quem está se beneficiando desse lucro e quem vive do lucro que a mídia dá. A mídia possui uma estrutura de trabalho fenomenalmente desregulada. As pessoas que estão produzindo a mídia na Grã-Bretanha são geralmente brancas da classe média alta que possuem pais bastante abastados, pois você não consegue viver em Londres como um jovem empregado a menos que tenha pais bastante ricos. O setor está tão desregulado que há grande quantidade de empregos precários, de modo que as pessoas precisam de outras fontes para se sustentar. Desse modo, nós precisamos entender que, se queremos falar sobre mídia, precisamos conhecer as condições pelas quais a mídia opera e a competição global. Concordo que a religião e a família continuam importantes, e para alguns grupos são mais importantes do que a mídia.

**MATRIZES:** Sobre os *reality shows* e sua pesquisa, que diferenças você vê entre a posição de classe assumida pelos participantes dos programas e a posição das audiências dos *reality shows*? Por vezes, vejo que até os participantes dos programas estão reagindo como se simplesmente não aceitassem as regras dos *reality shows*...

**Skeggs:** Totalmente. Vou falar sobre o que nós descobrimos na pesquisa. Os participantes aprendem a fórmula do programa antes de estarem nele, e aprendem como atuar. Assim, sabem que se eles se comportarem de uma maneira espetacular, terão mais chance de uma carreira na mídia. Eles têm de se tornar famosos muito rapidamente. Assim, aprendem a atuar de uma maneira particular e, devido aos termos estabelecidos pelo entretenimento, aprendem a agir *sendo maus*, agindo em *busca de transformação*. Eles querem oferecer uma atuação sensacional para conseguir uma carreira, pois sabem a fórmula. E a audiência também conhece a fórmula. Então, o público nos diz: “eles irão fazê-la chorar”, “vão fazer que ela discuta”, “farão que eles (os participantes) engordem”. Todo mundo conhece a fórmula, mas a usa de modos diferentes. Assim, nos momentos que os participantes sabidamente reproduzem a si mesmos como sujeitos em busca de transformação, o público irá por vezes dizer: “não, não, eles estão ok, está tudo bem”.

O que foi verdadeiramente surpreendente e muito bonito em nossa pesquisa foi o quanto o público detestava a humilhação de classe. Todos os grupos, a despeito de sua posição de classe, odiavam quando as pessoas eram humilhadas. A audiência não gosta, na verdade, nem mesmo da humilhação e aviltamento daqueles participantes que sabe que têm de ser humilhados. Isso é bastante sutil. A forma como esse desempenho de classe é externada, creio, na verdade é muito sutil. E a audiência tem um conhecimento fenomenal das técnicas e da fórmula que o programa de TV utiliza. Portanto, acredito que isso é bastante complexo e que precisamos estudar as audiências de modo a entender o que está acontecendo na televisão. Na nossa pesquisa de TV, o gênero, a classe e o gênero ou classe e a raça, todos produziram respostas bastante diferentes. Poderiam haver diferentes respostas de classe nas respostas das mães ou nas respostas das jovens mulheres negras, então dependia de como a classe articulava-se a outras formas de exploração.

**MATRIZES:** Nós estamos pesquisando a respeito dos comentários da audiência de telenovelas no Brasil no Twitter e Facebook. Você acredita que é possível capturar a subjetividade analisando apenas o que as pessoas fazem na mídia social sem investigar a *vida real* da audiência?

**Skeggs:** Reunimos, na semana passada, um grupo de transcrições da pesquisa que estamos fazendo, pois estamos analisando discurso público. Nós analisamos o que as pessoas dizem e sentem que podem dizer em público. Elas sabem as formas de discurso que são aceitáveis. Creio que o Twitter é realmente interessante. Ele capacita a mídia aversiva. É muito rápido, muito particular. A tecnologia possibilita o discurso de ódio. Não sei se isso é a subjetividade. Creio que a subjetividade é muito mais complexa, e o que nós vemos nas mídias sociais são instantâneos de personalidades.

Também em nossa nova pesquisa do Facebook, vemos diferenças entre o que as pessoas dizem que fazem e o que estão fazendo. Assim, temos capturado toda essa comunicação todo o tempo, toda essa interação. Na verdade, bem poucas pessoas, na verdade, envolvem-se em conversações. Assim, superestimam a quantidade de interesse e compartilhamento que têm. Creio que é bastante difícil saber se isso é a subjetividade ou não, uma vez que não podemos observar ao longo do tempo. Nós não podemos tirar conclusões pela análise de cada ato. Penso ser muito importante ver o que as pessoas sentem que podem dizer e quais são os limites de suas falas. Há um monte de batalhas ocorrendo no Twitter, por exemplo, sobre os transgêneros, na atualidade. Você pode ver as diferentes posições assumidas. Porém, não estou certa que isso nos leva a desenvolver ou a provocar a subjetividade porque as pessoas dizem uma coisa, depois outra, depois outra. O que vemos são performances públicas no interior de um enquadramento específico.

**MATRIZES:** Mas você acredita que é importante analisar isso?

**Skeggs:** Sim. Você conhece o trabalho de Imogen Tyler sobre *reality TV* e classe (Tyler; Bennett, 2010)? Usando a mídia social, ela contatou pessoas que tinham participado de um *reality show* no qual as jovens mães solteiras eram criticadas com veemência. Ela penetrou no mundo on-line e encontrou as jovens mulheres que tinham estado nesses programas de televisão; então analisou todos os comentários feitos e conversou com as mulheres sobre eles, e elas responderam. Foi uma pesquisa sensacional. Portanto, depende de como a mídia é utilizada.

**MATRIZES:** No artigo “Oh my goodness, I am watching reality TV!” [Oh meu Deus, estou vendo televisão sobre a realidade!] (Skeggs; Thumim; Wood, 2008), você descreve a opção multimetodológica que elaborou para a pesquisa. O quão importante é combinar diferentes abordagens para conferir maior precisão aos dados (e suas interpretações) e reduzir a própria interferência ou a de outros pesquisadores nos resultados?

**Skeggs:** Realmente gosto de multimétodos, talvez porque me formei como etnógrafa. Meu primeiro estudo de maior escala foi uma etnografia longitudinal que constantemente utilizou multimétodos, pois estava tentando entender as contradições entre os discursos e as ações dos participantes ao longo do tempo. As pessoas dizem alguma coisa para você, mas se comportam de modos completamente diferentes. Aí está porque utilizo multimétodos. Não é necessariamente para verificar a verdade, é para mostrar que diferentes métodos produzem diferentes perspectivas de conhecimento. E você pode colocar essas diferenças juntas e ver se elas funcionam em conjunto, ou não. Por isso é importante entender o texto para começar e fazer todas as interpretações antes de encontrar outras pessoas no contexto da pesquisa, de modo a conhecermos os enquadramentos e as estruturas que moldam como as interpretações podem ocorrer. Desse modo, estamos constantemente experimentando os métodos uns contra os outros. Há três de nós no projeto. Estamos sempre ensaiando as interpretações dos dados de cada um e discutindo sobre isso. Isso foi realmente importante. E nós éramos três pesquisadores diferentes em termos de idade, classe e formação disciplinar. Quando fizemos grupos de foco, *texto em ação*<sup>2</sup> e entrevistas, percebemos que produzimos interpretações significativamente diferentes e que as pessoas reagem de maneira bastante distinta a cada um de nós. Assim, precisamos compreender as implicações dos encontros numa pesquisa. Os resultados dependem das pessoas, do método e do local (tanto o nosso quanto o das audiências).

**MATRIZES:** Em sua investigação anterior sobre os programas de televisão de *reality*, você publicou um artigo baseado na análise textual dos programas.

<sup>2</sup> No original: “text-in-action”, método desenvolvido por Helen Wood (2009), que consiste em assistir a programas de TV com os participantes da investigação enquanto os comentários e conversas destes são gravados em áudio. Depois, o texto do programa e os comentários e as conversas são colocados lado a lado.

Considerando a influência de Michel Foucault, em seu trabalho, fazer análise textual remete ao que é definido por ele como métodos genealógico e arqueológico?

**Skeggs:** Na verdade, não. Penso que minha pesquisa mais antiga era bastante influenciada por Michel Foucault porque era sobre subjetividade e classe e sobre quem pode ser um sujeito. Por isso, Foucault estava sempre em minha mente. Creio que a análise textual que fizemos da mídia era uma análise bastante simples de estruturas textuais tais como narrativas, música, linguagem e personagem. Assim, fizemos uma análise fílmica e da mídia bem mais tradicional do texto e não, na verdade, um inquérito da formação do sujeito a partir do texto, como eu fizera anteriormente. Creio que precisamos fazer um projeto de pesquisa de longa duração para sermos capazes de entender como a subjetividade se desenvolve.

**MATRIZES:** Também gostaríamos de explorar sua abordagem metodológica para estudar o Facebook. Quais são seus métodos e técnicas para coletar dados da mídia digital?

**Skeggs:** Estou trabalhando com um desenvolvedor de software em nosso projeto do Facebook. Ele é um gênio, projetou uma extensão de navegador. Desse modo, todos têm uma extensão inserida em seu navegador e nós podemos coletar os dados. Depois ele projetou um software para analisá-los e um dispositivo heurístico para a contagem de palavras de anúncios, e também projetou o software para capturar as imagens dos navegadores das pessoas. Em seguida, nós as colocamos juntas. É um mundo totalmente novo. Ele também faz análise estatística de agrupamentos. É um pesquisador de pós-doutorado e também um artista que cria visualizações impressionantes<sup>3</sup>. Desse modo, estamos monitorando tudo dos usuários do Facebook, com a permissão deles, e somos desenvolvedores certificados. Novamente, estamos trabalhando com multimétodos, fazendo entrevistas, levantamentos etc. É um desafio para mim. Eu sou etnógrafa, tenho que aprender, ser treinada a usar o programa, porém não sou muito boa (risos).

**MATRIZES:** Desde Antonio Gramsci, muitos teóricos têm pensando sobre a lógica cultural do capitalismo de maneiras diferentes: contra a classe ou reconstruindo o conceito de classe. Sua abordagem da cultura contesta a ideia de reflexividade, argumentando que são principalmente as pessoas da classe média que têm acesso a recursos culturais e, por isso, podem construir *selves* reflexivos. Na pesquisa de recepção feita no Brasil (Ronsini, 2004, 2008, 2012) os mais jovens, as mulheres e os homens da classe trabalhadora negociam as identidades de um modo reflexivo, um modo que poderíamos chamar de *fraturado*, pois feito de representações dominantes, negociadas e oposicionais de classe. Atualmente, quando são considerados os jovens de classe média e jovens

<sup>3</sup> O website da pesquisa está disponível em: <<https://values.doc.gold.ac.uk/>>.

da classe trabalhadora, estes são mais reflexivos sobre as desigualdades de classe. Assim, parece que o *self* reflexivo não está disponível apenas para a burguesia ou a pequena burguesia. Como você analisa isso?

**Skeggs:** Creio que há uma diferença entre a classificação reflexiva dada pelos pesquisadores que dizem quão reflexivas as pessoas são e as pessoas que são realmente reflexivas. Dez anos atrás, no Reino Unido, todo doutorando tinha que ter uma seção em sua tese na qual contasse sua história biográfica reflexiva como estudante de doutorado. Reagi a isso, pois as pessoas estavam contando histórias fenomenalmente reflexivas sobre si mesmas enquanto faziam pesquisas completamente irreflexivas. Por essa razão, tornei-me muito crítica a respeito da ideia de reflexividade se ela está desconectada da prática, e vejo isso como um modo bastante limitado de reivindicar poder. Como você, acredito que a classe trabalhadora pratica a reflexividade o tempo todo, porém a reflexividade prática, e sem perceber que faz isso. Bourdieu assinala uma diferença entre a prática reflexiva de pesquisa e contar a própria história. E creio que essa é uma enorme diferença. Penso que muitas pessoas confundem sua própria autonarrativa com práticas efetivas, quando, na verdade, estão somente falando sobre si mesmas.

**MATRIZES:** Você concorda que o *self* reflexivo não é uma característica apenas da burguesia e da pequena burguesia?

**Skeggs:** Essa é uma característica que os teóricos burgueses reivindicam, agarrando-se ao termo, mas creio que eles reconhecem mal o que a reflexividade é na realidade.

**MATRIZES:** Eles reconhecem mal por um lado e não reconhecem que a classe trabalhadora também possui um *self* reflexivo?

**Skeggs:** Exatamente.

**MATRIZES:** Sua pesquisa mostra que muitos discursos televisivos são relacionais e articulados, criando uma imagem sem nuances da classe trabalhadora, enquanto a mulher de classe média é apresentada de dois modos diferentes: por vezes como autêntica, outra vezes como uma pessoa que não tem controle sobre suas emoções e seu corpo. Você acredita que esta mudança para uma representação negativa das mulheres de classe média está relacionada à perda de poder econômico dessa classe, devido ao processo de tributação dos pobres e dos segmentos médios pelos governos neoliberais?

**Skeggs:** Penso que isso é sobre controlar o corpo. Sobre tornar a imoralidade reconhecível nas pessoas que não disciplinam seus corpos. Isso também

não é necessariamente sobre classe, mas é bastante ligado a gênero e sobre as mulheres que não são disciplinadas.

**MATRIZes:** Porque elas *causam prejuízo* ao Sistema de Saúde Nacional, por exemplo...

**Skeggs:** Sim. A obesidade no Ocidente é um problema de pobreza, do suprimimento de comidas baratas com gorduras como óleo vegetal. Creio que o que nós vemos em termos tanto de mulheres de classe média quanto de mulheres da classe trabalhadora é exatamente o que você diz: o poder da classe média está declinando maciçamente. Sua legitimidade, sua autoridade e sua reivindicação moral estão declinando. Por que no Estado do Bem-Estar Social as pessoas da classe média estão perdendo seus empregos. Consequentemente, como resultado, penso que elas precisam estabelecer diferenças em termos de bom e mau, e uma dessas distinções está inscrita nos corpos. Corpos grandes passaram a ser identificados como imorais e, geralmente, como da classe trabalhadora.

**MATRIZes:** Já que elas estão perdendo dinheiro (valor), precisam reforçar seus valores morais.

**Skeggs:** Exatamente.

**MATRIZes:** Porém, ainda assim, a mídia representa as mulheres gordas como um problema. Você associa isso a um problema de gênero, mais do que a um problema de classe?

**Skeggs:** Creio que isso seja mais complicado. É mais sobre pessoas, geralmente mulheres brancas da classe trabalhadora, que não investem adequadamente em seus corpos.

**MATRIZes:** Como você disse, seu trabalho nos mostra que as apropriações/ usos dos programas como os *reality shows* são bastante diferentes em audiências de classes diferentes e que foi possível identificar como os denegridos defendem a si mesmos, tornam suas vidas suportáveis e mantêm *lutas* contra os padrões da classe média. Quais tipos de resultados podemos esperar dessas lutas e por que não podemos – ou não devemos – vê-las como mero conformismo?

**Skeggs:** Existem elementos de resistência. Creio que nós vemos mais ajustes do que resistência, e vemos lutas onde as pessoas estão tentando reivindicar valor para si mesmas que são, novamente, sobre a complexidade a respeito de gênero, classe e raça. Essas lutas podem enfatizar os valores de gênero. Desse modo, podem enfatizar ser uma boa mãe, à custa de resistir à humilhação de classe. Assim,

tentar atuar, demonstrar e obter valor por ser uma boa mãe pode impedi-las de confrontar a desigualdade de classe. Creio que não podemos simplesmente dizer que isso é resistência, mas podemos ver elementos desgastando-se de diferentes modos e em tempos diversos. Eu chamo isso de luta. Muitas pessoas lutam contra a injustiça, mas elas (mulheres da classe trabalhadora) estão muitas vezes tentando reivindicar valores morais de modo a defender-se de ataques dirigidos a elas.

**MATRIZES:** Elas têm que se ajustar, pois, caso contrário, não poderiam viver.

**Skeggs:** Exatamente.

**MATRIZES:** Você argumenta que as teorias contemporâneas que promovem o individualismo burguês, tais como a desenvolvida por Anthony Giddens, ao fim, reproduzem o mito original do liberalismo porque não dedicam atenção a formas de ser e valores que escapam do processo de individualização. Você poderia comentar isso?

**Skeggs:** Acredito que as descrições feitas por pessoas como Giddens... Quando elas dizem “nós todos somos sujeitos do individualismo”, esta é a grande declaração do neoliberalismo. É tanto uma descrição quanto uma legitimação. E quanto mais elas afirmam que isso aconteceu a todos, mais eu digo que não é universal. Se olharmos para as mulheres de minha etnografia inicial e da pesquisa de mídia que tenho feito, o individualismo sofre muita resistência. Há muito cuidado, conexão e apreciação a respeito de outras pessoas. A pesquisa de Val Gillies (2007) analisa como as mães da classe trabalhadora são bastante anti-individualistas, pois acreditam que o individualismo irá tornar seus filhos egoístas, tacanhos e cheios de valores negativos em tenra idade. Essa é uma posição de classe bastante forte, muito anti-individual. Quando fiz minha pesquisa inicial, as jovens mulheres da classe trabalhadora usavam o termo “individual” como um insulto. Se você diz, “ela é uma individual”, você está dizendo que ela é uma esnobe, alguém que pensa que é superior. Creio que os teóricos que dizem que o individualismo é universal estão descrevendo a classe média, aqueles que gostam do individualismo, porque podem ser indivíduos. Os membros da classe média gastam sua vida tentando provar o quão individuais eles são. Quando você vem de um contexto político bastante diferente, com diferentes condições, não irá investir no individualismo, pois ele é com frequência oposicional, e também pode não haver a possibilidade de fazê-lo. Há uma grande diferença entre quem pode e quem não pode viver a individualidade.

**MATRIZES:** Você não acha que os teóricos têm subestimado o potencial da classe média? Pois o movimento hippie foi um movimento de classe média, por exemplo... A classe média não é apenas sobre *indivíduos*.

**Skeggs:** Sim. Creio que é porque agora temos uma série de teorias da classe média falando sobre a precariedade. Vocês têm isso no Brasil? Aqui no Reino Unido, a classe média foi atacada pelo governo anterior e pelo atual. Eles perderam diversos empregos sociais com vários cortes no nível médio, uma vez que um grande número de mulheres da classe média trabalhava em setores públicos sociais. Houve uma série de cortes na justiça, no trabalho e nos serviços sociais. Assim, creio que a classe média tem experimentado mais insegurança. Taxas de matrícula têm sido introduzidas nas universidades, por exemplo, de modo que elas (as pessoas da classe média) contraem dívidas para a sua educação. A classe média londrina está absolutamente contraída porque o valor de suas propriedades é muito alto, mas em outro lugar, a realidade é absolutamente crítica. Você vê grandes diferenças ocorrendo. A classe média está se tornando mais e mais insegura. Nada que a classe trabalhadora não tenha vivido por séculos.

**MATRIZES:** Bem, nós temos várias dificuldades para entender e definir a classe média, mesmo academicamente. Mas ela é normalmente descrita como política e moralmente conservadora, por exemplo. Você não concorda que é hora de mudar nossa perspectiva sobre a classe média?

**Skeggs:** Isso é muito interessante, mas irei colocar isso num quadro histórico. Creio que a classe média sempre reivindicou sua superioridade a partir da moralidade. Ela tem autoridade moral para dirigir, para julgar, para legitimar – para dominar, basicamente. Acredito que o poder moral é altamente significante na luta de classes. Devido à visão da classe média de justiça, bem-estar, educação, o Estado possivelmente permite que a classe trabalhadora seja julgada como sem mérito. Creio que a classe média colocou isso em prática, e é isso que vemos na televisão. Na Grã-Bretanha, ao longo dos últimos cinco anos, tivemos uma série de programas de TV sobre pessoas da classe trabalhadora indignas. Essas representações dos programas midiáticos têm um grande impacto na prestação de serviços sociais. Por isso, quero manter um entendimento moral das diferenças de classe. Creio que financeiramente a estrutura mudou: nós temos facções dentro da classe média, com uma elite de negócios profissional muito, muito mais alta etc., mas eles ainda mantêm a moral elevada e ainda são as pessoas que definem os termos simbólicos. Há uma grande quantidade de pesquisa sobre a classe média no Reino Unido desde a virada para o consumo na década de 1990. Aqui, em nossa universidade, no mesmo corredor, temos duas pessoas que estão estudando a classe média na Grã-Bretanha e na França. Eles analisam como a classe média está muito ansiosa e, como resultado dessa ansiedade, como tem se tornado bem mais defensiva. Assim, creio que temos

de entender a classe média a partir de uma perspectiva histórica e moral, bem como com relação às mudanças nas condições econômicas.

**MATRIZES:** Quando você fala sobre a classe média, está falando sobre ela somente como um grupo?

**Skeggs:** Sim, não faço estratificação. Quero entender a moralidade, a luta e a exploração. Estou interessada em como uma classe beneficia-se do trabalho de outra. As mulheres da classe trabalhadora fazem uma grande quantidade de trabalhos para as famílias da classe média (com frequência, resultando em alta perda de seu próprio tempo familiar). Também estou interessada em como uma classe investe em sua própria superioridade à custa de outra, por exemplo, como uma classe define a si mesma como mais merecedora do que outra. Isso não é estratificação.

**MATRIZES:** Por que é fundamental ter em mente valores de troca e valores de uso na análise das classes sociais, da individualização e da mídia no mundo contemporâneo?

**Skeggs:** Creio que diz respeito a moldar perspectivas. O valor de troca permite pensar sobre quem pode trocar o seu valor e de que maneiras, e como as pessoas podem acumular valor para o futuro. É um modelo para pensar: “como podemos entender o valor?”. O valor de uso é sobre o que nos interessa e o que não nos interessa a respeito do que nós queremos trocar, acumular e investir no futuro necessariamente. Há uma diferença entre relacionalidade e acumulação. Podemos compreender outro modo de pensar por meio da pessoa sem pensar somente em acumulação, direção futura e sempre construindo sobre o capital.

**MATRIZES:** Seu conceito de “personalidade” (“*personhood*”)...

**Skeggs:** Ele não é meu, mas da antropologia. Eles usam bastante “personalidade”. Eu tomei-o de Marilyn Strathern, uma de minhas heroínas.

**MATRIZES:** Você acredita que “individualidade” (“*selfhood*”) é excessivamente burguês?

**Skeggs:** Sim. Em termos de história, em termos de lei, o eu (*self*) é definido por exclusão. Apenas aqueles que possuíam propriedade – homens da elite – eram definidos como indivíduos e possuíam, assim, seus próprios egos (*selves*). Até 1960, as mulheres britânicas não podiam possuir propriedade. A legitimação da propriedade foi alcançada por meio da ligação entre dignidade e propriedade. Novamente, a justificativa moral foi utilizada para legitimar o poder econômico. A ideia do eu (*self*) nos discursos de legitimação – religiosos e psicológicos, igualmente – dizia respeito ao indivíduo definido contra as massas, que era a classe trabalhadora.

Ela era apenas trabalho e fonte de imoralidade. É por isso que a análise histórica é importante. À classe trabalhadora, na história da psicologia, não era outorgada interioridade. Ela era simplesmente uma massa, fonte de trabalho que poderia ser explorada. Quando a ideologia do eu (*self*) e do indivíduo foi ampliada – e assumida como universal –, a classe trabalhadora não teve acesso aos recursos que sempre tinham lhe sido negados para elaborar o eu (*self*) burguês, por exemplo, patrimônio e propriedade. A classe trabalhadora ainda julga esses recursos como escassos. Espera-se que ela se torne aquilo a que lhe negaram o acesso; é assim que a *reality TV* funciona como exemplo de desempenho público do valor do eu (*self*).

**MATRIZes:** Em que termos podemos pensar sobre as práticas ou os valores autônomos da classe trabalhadora em um mundo contaminado pelos ideais da classe média e da elite?

**Skeggs:** Essa é uma questão bastante difícil. Temos que fazer etnografia e analisar cuidadosamente. Temos que questionar as categorias que utilizamos, sua história e os interesses a partir dos quais elas foram desenvolvidas, por exemplo, o eu (*self*). É a única maneira de descobrir por que as pessoas fazem o que fazem. Sem isso, não podemos ter ideia.

**MATRIZes:** Você acredita que a solidariedade é talvez um valor autônomo da classe trabalhadora?

**Skeggs:** Creio que poderia ser um dos melhores valores, um dos que têm resistido à interpelação para se tornar um indivíduo, e um egoísta. “Se cuida”<sup>4</sup> é uma expressão muito interessante. Quando as pessoas dizem para que você *se cuide*, elas desejam que você esteja bem. Essa é uma forma de solidariedade. Recentemente tivemos um exemplo realmente fantástico de solidariedade em Londres: a campanha chamada E15<sup>5</sup>. É um grupo de mães muito jovens, de 16 a 18 anos, que estão sendo expulsas de seus abrigos para dar lugar a apartamentos para os super-ricos. Elas criaram uma impressionante campanha para permanecerem juntas em Londres, querem o direito de viver em Londres. O que está acontecendo é que grande parte da elite financeira global está expulsando a classe trabalhadora para construir *flats* bastante caros. Aqui, vemos práticas autônomas da classe trabalhadora, e existem muitas campanhas sobre moradia. Você não pode simplesmente afastar os jovens de suas famílias e comunidades. Quando você olha para algo desse tipo, vê que valores como a solidariedade persistem, apesar das tentativas de eliminá-los ao longo das décadas (por exemplo, no Reino Unido desde Thatcher na década de 1980).

**MATRIZes:** O que estava acontecendo era uma espécie de gentrificação?

<sup>4</sup> N. do T.: a expressão no original é “*look out*”.

<sup>5</sup> E15 é um código postal de Londres.

**Skeggs:** Sim. Eles vendem os *flats* em Hong Kong. E colocam na publicidade: “não tem caráter social”. É nessas campanhas que você encontra práticas autônomas da classe trabalhadora, em termos de gênero e raça. E penso que ações como essas pavimentam o caminho para lutas maiores no futuro. As pessoas aprendem a apoiar umas às outras e sabem que estão na mesma situação devido ao lucro. Há bastante solidariedade nisso.

**MATRIZES:** Você diz que não deseja imprimir um “otimismo cruel” em seu trabalho. Poderia explicar essa afirmação?

**Skeggs:** Essa é a real dificuldade, para mim, a respeito de gênero e classe. “Otimismo cruel” vem de Lauren Berlant (2011). Ela começou a discussão sobre a crítica dos relacionamentos heterossexuais nos filmes de Hollywood: o homem, nos filmes românticos, é mau, e as mulheres esperam que ele se torne bom. E assim essa esperança é um apego a uma esperança que é, ao mesmo tempo, cruel e otimista. Ela é otimista, pois é uma esperança. Porém, é cruel, já que as coisas nunca vão mudar. Eu tentei, dessa forma, trabalhar isso a partir da *reality TV*. As relações de gênero muitas vezes oferecem esperança de que as coisas possam melhorar, enquanto a compressão da classe sugere que ela é uma barreira ao otimismo; o príncipe não irá nos salvar da exploração e do desemprego, por exemplo.

**MATRIZES:** Em seu artigo “Values beyond value? Is anything beyond the logic of capital?” [Valores além do valor? Há algo além da lógica do capital?] (Skeggs, 2014), você menciona que o valor esconde valores e que isso restringe nossa imaginação sociológica. Para onde a sua imaginação sociológica está conduzindo-a?

**Skeggs:** Creio que ficamos teoricamente constrangidos o tempo todo. Cada vez mais. E temos que atuar o tempo todo. Aqui, nossa atuação acadêmica é medida o tempo todo. Desse modo, nossa capacidade de pensar e agir torna-se restrita. Encontramos saídas, mas estamos sujeitos ao desgaste, estamos sendo atrofiados, extenuados física e mentalmente. Berlant tem também um bom artigo chamado “Slow death” (2007). Ela mostra como alguns membros da população estão sujeitos a práticas que os exaurem. Não a violência dramática que conhecemos, mas a atividade diária em que nos envolvemos; alimentar-se somente com comida de má qualidade é uma forma de morte lenta, uma vez que ela mata nossos órgãos sem que notemos. Por vezes, sinto que a academia é uma forma de classe média de morte lenta. Nós vivemos em um constante estado de competição e carência. Estamos posicionados numa luta para resistirmos a ser extenuados diariamente.

**MATRIZES:** Essa é a razão pela qual você pesquisa?

**Skeggs:** Talvez.

**MATRIZES:** Para permitir que as pessoas pensem sobre isso?

**Skeggs:** Ou mesmo, mais egoisticamente, para que eu pense sobre o que está acontecendo... Quando a crise financeira aconteceu, percebi que tinha que começar a ensinar sobre economia e financeirização novamente. Assim, precisamos aprender para que sejamos capazes de ensinar, mas precisamos entender as coisas. Então acho que é provável que eu esteja sendo bastante egoísta nesse sentido. Porque quero entender esse mundo brutal. Quando estou brava e indignada, vou aprender e ensinar. Saio e converso. Creio que minha imaginação é sobre aprender, entender e então comunicar. E permanecer com raiva é útil. Temos que ter raiva para estancar a fadiga. Temos que nos destacar, ter algo pelo que lutar. Eu tenho muito pelo que lutar, em tantas frentes. ■

## REFERÊNCIAS

- BERLANT, L. *Cruel optimism*. Durham: Duke University Press, 2011.
- \_\_\_\_\_. Slow Death (Sovereignty, Obesity, Lateral Agency). *Critical Inquiry*, Chicago, v. 33, n. 4, p. 754-780, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1086/521568>
- GILLIES, V. *Marginalised mothers: exploring working class experiences of parenting*. Abingdon: Routledge, 2007.
- RONSONI, V. M. *Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos*. Porto Alegre: EDUPUC, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela no horário nobre*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- SKEGGS, B. Values beyond value? Is anything beyond the logic of capital? *The British Journal of Sociology*, Londres, v. 65, n. 1, p. 1-20, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/1468-4446.12072>
- SKEGGS, B.; THUMIM, N.; WOOD, H. “Oh goodness, I am watching reality TV”. How methods make class in audience research. *European Journal of Cultural Studies*, Londres, v. 11, n. 1, p. 5-24, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177%2F1367549407084961>
- TYLER, I.; BENNETT, B. “Celebrity chav”: fame, femininity and social class. *European Journal of Cultural Studies*, Londres, v. 13, n. 3, p. 375-393, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177%2F1367549410363203>
- WOOD, H. *Talking with television: women, talk shows and modern self-reflexivity*. Illinois: University of Illinois Press, 2009.